

## OS DESAFIOS DO EDUCADOR FORMADOR EM MEDIAR PRÁTICAS INCLUSIVAS NA ERA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Darlene Alves Leitão <sup>1</sup>  
Kelly Maria Pereira Alexandre <sup>2</sup>  
Arianny de Sousa Lira <sup>3</sup>

### RESUMO

Este estudo apresenta reflexões acerca do uso das tecnologias digitais na educação pública atreladas a uma educação inclusiva, e justifica-se a partir da necessidade de evidenciar a importância que essa área de conhecimento tem para o setor educacional. Tendo como objetivo apresentar e compreender as dificuldades de formar educadores que aglutinem em suas práticas, de forma efetiva, um olhar tecnológico corroborando com a prática inclusiva. A pesquisa apresenta caráter qualitativo do tipo bibliográfico e empírico, realizado a partir da perspectiva de um educador formador da rede pública do município de Fortaleza-CE. As discussões sobre o tema em questão e os dados coletados por meio da entrevista com o educador formador nos fizeram compreender o processo de ensino de uma prática inclusiva na era da tecnologia, ressaltando a metodologia utilizada e apresentando as dificuldades em formar educadores tendo a tecnologia como ferramenta aliada nesse processo da educação inclusiva. Como resultado da pesquisa, pode-se constatar juntamente as falas colaborativas do educador formador que para incutir as tecnologias em sala de aula, primeiramente, é preciso que haja um direcionamento mais significativo em políticas públicas, auxiliando no ensino e na prática do educador em sala de aula. Nas considerações finais, destacamos a ausência de tempo para uma formação contínua, a defasagem dos recursos disponibilizados e a sala de aula ainda como um depósito de conteúdo.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Tecnologias, Formação de Educadores.

### INTRODUÇÃO

Desde o advento da tecnologia, a sociedade vem se adaptando cada vez mais ao uso de aparatos digitais seja em espaços familiares, de trabalho ou escolares. O surgimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) trazem diversas possibilidades de criação, aprendizagem e compartilhamento. E essa realidade permite novos olhares diante de ambientes educacionais que buscam atrelar esse olhar há uma prática de educação inclusiva que oportunizem metodologias de ensino e aprendizagem significativas.

Partindo desse pressuposto, o estudo apresenta os desafios em mediar práticas inclusivas na era das TDIC por meio de formações de professores que atuam no Atendimento Educacional

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, [darlenealvesleitao@email.com](mailto:darlenealvesleitao@email.com);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [kellymariapa@gmail.com](mailto:kellymariapa@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora orientadora: Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática -PGECM pelo Instituto Federal do Ceará - IFCE, [arianny\\_sousa@hotmail.com](mailto:arianny_sousa@hotmail.com).

Especializado (AEE). A pesquisa parte das experiências de um educador que atua enquanto formador de professores que trabalham com a educação especial. Desta forma busca-se desvendar como o educador formador, diante de toda essa realidade digital a qual a sociedade está inserida, conduz nas suas formações o uso das TDIC atreladas a uma perspectiva inclusiva. E como essas metodologias podem contribuir nas práticas de ensino e aprendizagem do educador e educando da Educação Básica no ensino público.

A Educação Tecnológica no século XXI embora seja algo intrínseco à sociedade ainda é desafiador para a prática docente, visto que as formações iniciais apresentam um déficit na abordagem tecnológica para o ensino e aprendizagem do ofício na Educação Básica.

Demo (2008) ressalta que as formações iniciais do século vigente ainda trazem uma característica de um ensino tradicional e essa realidade não engloba o uso e a evolução das tecnologias pensadas para a educação, o que causa do retrocesso profissional, e por conseguinte em sua formação contínua. Ainda explana que o correto seria inserir as tecnologias para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças para que elas pudessem vivenciar as experiências de forma integral.

Temos inúmeras razões/desculpas para não fazermos isso, a começar pelos custos e problemas de acesso, em especial por parte das populações mais marginalizadas. Por isso mesmo, não cabe fantasiar propostas que não têm a mínima condição de realização concreta. Ademais, ler, escrever e contar é muito pouco, quase nada, ainda que demoremos até três anos para inventar esta mixaria. Não se trata, como se alegou, apenas de fluência tecnológica, mas de cidadania fluente que sabe aproveitar-se de novas plataformas tecnológicas para colocar o bem comum acima das apropriações privadas. (DEMO, 2008, p.11)

Sobre esse processo de formação de professores, Papert (1985) afirma que formar sujeitos reflexivos e construtores de seus próprios projetos é um processo desafiador. E essa compreensão pode ser atrelada às práticas docentes atuais a qual vivemos, estamos imersos na era tecnológica, entretanto essa realidade ainda é um desafio a ser vivenciado de forma ampla e corriqueira em ambientes educacionais gerando aprendizagens reais e significativas.

Assim, o professor apresenta um papel fundamental ao ensinar formas de organização de conhecimentos científicos com metodologias que sirvam de base para o processo de ensino e aprendizagem de forma diferenciadas, não padronizada e memorativa, mas sim que permitam ao seu educando construir atitudes através de conceitos, procedimentos e da criticidade.

É importante ressaltar que é difícil concretizar essas ideias dentro de sala de aula, principalmente em escolas públicas por diversos motivos, desde a falta de investimento, incentivo e falta de formações na área para os professores serem capacitados a estimular os seus educandos por essa enorme gama tecnológica da atualidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz em suas competências gerais a ênfase do olhar tecnológico amparado em uma educação que visa a autoria, pesquisa, criticidade, ancorada em práticas educacionais que permitam que o aluno seja atuante junto com o professor em seu processo de ensino e aprendizagem, no que discorre nas competências gerais 2 e 5 definidas pela BNCC (Brasil 2017):

Competência 2: Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.[...] Competência 5: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017, sn, grifo do autor)

Essas propostas de inserção das tecnologias devem corroborar para o desenvolvimento de formações tanto iniciais como contínuas, possibilitando ao professor práticas efetivas que contribuam para um processo de aprendizagem holística.

A inserção das TDIC na prática pedagógica requisita do professor uma reanálise dos processos de ensino, considerando certos pressupostos e teorias, algo que deve ser realizado desde a formação inicial e em formações continuadas. Esta abordagem vai depender da aproximação do docente com a cultura digital, pois disso depende o desenvolvimento da capacidade de adaptação em diferentes realidades e frente à problemas desconhecidos (LEITÃO; CASTRO, 2018, p.511)

Diante do exposto acima, a educação correlacionando com a proposta tecnológica, podemos relacionar toda essa vertente do olhar para as perspectivas inclusivas, ao desenvolvimento de suas aprendizagens significativas e holística na qual podem trazer uma real inclusão para um ambiente escolar.

Segundo as orientações da Política Nacional de Educação Especial (PNEE) na perspectiva da Educação Inclusiva (EI) para atuar na educação especial

o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial. (BRASIL, 2007, P.18)

Quando um professor passa por uma construção rica em criticidade, práticas e estratégias para desenvolver com os seus alunos, ele consegue transmitir um ensino-aprendizagem que possibilita um âmbito rico em criticidade.

Nesse sentido esse estudo tem como objetivo apresentar e compreender as dificuldades de formar educadores que aglutinem em sua prática um olhar tecnológico corroborando com uma prática inclusiva, ressaltando a realidade vivenciada por esses educadores a partir das perspectivas do formador educador.

Nas sessões seguintes esses pontos serão aprofundados, tendo como base os dados coletados, a partir da entrevista realizada como o educador formador, e as considerações finais, seguido pelas referências.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem cunho qualitativo na perspectiva social na qual buscamos compreender o processo de formação dos educadores da rede pública pela ótica de um educador formador. O mesmo elenca as tecnologias como aliados no processo do desenvolvimento da educação inclusiva/especial pontuando a importância dessas práticas para o processo de ensino e aprendizagem. A coleta de dados foi realizada a partir de uma entrevista semiestruturada por meio de um questionário com 10 perguntas apresentadas no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Questionário da entrevista

| Perguntas utilizadas como roteiro para a entrevista   |
|---|
| 1. Qual a sua formação inicial?   |
| 2. Em que se fundamenta a sua abordagem de ensino para as formações?  |
| 3. Quais são os projetos que você já realizou e em quais está envolvido atualmente?   |
| 4. Como se dá o seu processo de formação para sua atuação enquanto educador formador?   |
| 5. Como funciona a inserção de tecnologias nas formações? Com que frequência essa temática é abordada?  |
| 6. Qual a faixa etária dos educadores que estão presentes nessas formações?   |
| 7. Como são as formações para educadores com a utilização de tecnologias digitais?  |
| 8. Qual a importância do uso das tecnologias digitais para os educadores atuantes do AEE? E qual o impacto para aqueles que estão há tanto tempo na educação básica na perspectiva da educação inclusiva?                     |
| 9. Em relação a essa nova geração de educadores, você percebe uma diferença de aceitação diante das propostas envolvendo o uso de tecnologias?  |
| 10. Qual o impacto que a ausência da utilização de tecnologias digitais na prática docente traz tanto para educadores, ou não, do AEE? E o que essa situação implica no processo de aprendizagem dos alunos com deficiências? |

Fonte: elaborado pelas autoras

Compreende-se que as entrevistas são técnicas de informações sobre determinado eixo voltado para um determinado objeto de estudo pesquisado. Com isso, “Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área da Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam” (GAMBOA, 1997, p.124).

O exercício da perspectiva teórica e prática nesse estudo se fez necessária para permitir a compreensão acerca do processo formativo dos educadores da rede pública levando em consideração as desafios, aprendizagens e perspectivas do educador formador. Segundo Minayo (2012) “[...] a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)” (MINAYO, 2012, p. 14-15).

A seguir será apresentada o referencial teórico que embasa essa pesquisa seguindo da análise dos resultados e por fim as considerações finais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O caminho traçado neste estudo busca evidenciar as experiências de um educador formador do município de Fortaleza que tem suas práticas educacionais atreladas ao uso de tecnologias voltadas para o público alvo da Educação Especial. É Licenciado em Física e possui especialização em Educação Especial. O mesmo compartilhou ter atualmente uma inclinação para o desenvolvimento de Tecnologias Assistivas e definindo-as como tecnologias voltadas para a melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiências.

O sujeito de pesquisa é um professor formador de professores que trabalham com o Atendimento Educacional Especializado (AEE). E além das formações, também trabalha com o atendimento de crianças com superdotação, autismo e com deficientes no Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará (CREAECE).

Partindo desse contexto e visto a necessidade de evidenciar a importância que esse campo da pesquisa tem para o setor educacional, foi realizado uma entrevista na qual foi utilizado um questionário com 10 perguntas (Quadro 1), das quais 5 perguntas (4, 5, 7, 9 e 10) foram selecionadas com o intuito de responder aos objetivos deste estudo.

Deste modo, apresenta-se a seguir as perguntas com as respectivas respostas do Educador Formador e a análise teórica.

a) Como se dá o seu processo de formação para sua atuação enquanto educador formador?

***Educador formador:** Hoje não tenho muito tempo para me formar presencialmente e é exatamente uma das grandes dificuldades dos nossos professores. Hoje nós temos um planejamento até razoável que é de  $\frac{1}{3}$  mas esse planejamento não permite que a gente saia da escola para termos uma formação nesse horário a não ser que a própria formação seja dada pela secretaria municipal ou estadual de educação[...] (Fala do entrevistado, 11 de jul. 2019)*

Diante dessa pergunta o educador expressa as suas percepções partindo das suas vivências e enfatiza as dificuldades em relação ao tempo voltado para uma formação significativa. Entende-se que o professor precisa estar em um ciclo constante de formação, de trocas de experiências, interagindo com outros profissionais e assim agregando em sua bagagem de conhecimento novas aprendizagens. E essas trocas entre os educadores é algo fundamental visto que pode despertar novos olhares para uma educação que busque ser inclusiva. Papert (1985) já afirmava que a formação de sujeitos reflexivos é um desafio, logo pode se enfatizar a importância de momentos que permitam a troca de saberes entre docentes.

Ainda sobre o seu processo de formação do educador pontua a importância da didática de ensino atrelada ao uso de tecnologias em uma prática que busque a construção de um conhecimento real. O educador afirma que:

***Educador formador:** Uma coisa que eu sinto que eu deveria tá me atualizando e eu não faço é relacionado a minha didática. Eu não tenho focado muito a minha formação na didática. Apesar de saber o quanto é importante, eu tenho me focado muito mais nos cursos da área de tecnologia. (Fala do entrevistado, 11 de jul. 2019)*

Compreende-se que o uso das tecnologias atuais pode trazer ganhos imensos para o processo de ensino e aprendizagem, entretanto é importante ressaltar que essa tecnologia, em um ambiente educacional, não deve ser utilizada como mero enfeite e sim atrelada a uma perspectiva pedagógica que busque realmente a construção de aprendizagens.

b) Como funciona a inserção de tecnologias nas formações? Com que frequência essa temática é abordada?

***Educador formador:** [...] é um tema super abordado, por mim. Nada do que falei aqui não tem na escola deles. Mapeamento de ondas cerebrais, rastreamento de olho, nada! O máximo que tem é uma sala estrutura de recursos multifuncionais, ou sala em que tem o tipo 1 ou tipo 2 são categorias do MEC, de equipamentos, a sala do tipo 2 é a mais equipada, mas ela é muito equipada em que, tem muitos materiais de madeira. É um material de alta tecnologia? É mas é de madeira, e normalmente direcionada ao atendimento*

*de pessoa com deficiência. jogos de memória, jogos de formação de palavras, jogos por exemplo, formação de sílabas, são coisas para alfabetização mesmo para pessoas com deficiência. E ai eles tem isso dentro das suas escolas, normalmente. [...] mas mesmo eu sabendo que aquilo não está dentro da realidade deles, eu mostro para eles terem o contato e pra ver se alguém se motiva a comprar. (Fala do entrevistado, 11 de jul. 2019)*

Rolkouski (2011) aponta que o uso das TDIC, embora apresentem um crescimento em pesquisas no campo educacional, ainda demonstra insuficiência no uso prático em sala de aula, tendo como objetivos desenvolver aprendizagem, fugindo de práticas tradicionais e assim explorar conhecimentos para além da sala de aula. Deste modo, pontua que as tecnologias podem ser utilizadas como uma estratégia de ensino e não como uma mera ferramenta.

Morán (2015) afirma que projetos significativos podem ser desenvolvidos em escolas com menos recursos, as metodologias de ensino dadas pelos docentes podem recorrer com as tecnologias como estratégias, utilizando como ferramentas simples como o celular. E essas ideias podem surgir mediante as trocas de experiências.

c) Como são as formações para educadores com a utilização de tecnologias digitais?

***Educador formador:** é muito precária. Primeira que não há quase formação para esse público. Quase não há formação em geral para esse público. E quando tem essa formação que contempla as tecnologias digitais é quase como um tiro no pé, pra que eu vou da formação de uso de tecnologias digitais na escola se a escola não possui essa tecnologia? É como se eu te desse fome e não te desse o que comer, não tem internet, não tem sala apropriada, não infraestrutura, não tem os computadores, não tem o profissional para instalar, não tem quem faça manutenção. Quando não tem uma função de aprendizagem, a tecnologia por si só ela não te ensina nada. Você tem que ter um direcionamento. Então assim, a as formações com o uso dessas tecnologias são pouquíssimas. Por falta delas nas escolas e quando se tem são poucas, pois são usadas com ferramentas e não com um viés pedagógico. Nós usamos as tecnologias sem nenhum propósito. O certo seria usar as tecnologias com algum propósito, mas nós não temos. As pessoas gostam de maquiar as formações. Utilizar esses recursos tecnologias para fins tradicionais na educação. Usar um slide para só para textos. O lúdico pelo lúdico. As minhas formações não. Eu boto o pessoal pra trabalhar. O negócio é o tempo. Me chamam para dar uma formação de 2h. como eu vou dar uma formação de algo complexo de autismo em 2h. não tem só os aspectos conteudistas, mas também a prática. E a maioria das formações só são conteúdo. Não tem a prática. Daí eu divido nas minhas formações 1h teoria e 1h para prática, mas ainda é pouco. (Fala do entrevistado, 11 de jul. 2019)*

A crítica acima destaca a ausência da preocupação em possibilitar uma formação de professores que tenha sentido para a sua prática docente. É válido destacarmos que as escolas

em geral não estão equipadas em salas de recursos tecnológicos e nem de suportar para o exercício do desenvolvimento das aprendizagens. Por mais que tenha dentro das diretrizes dos documentos legais a utilização das tecnologias atrelada a questão da interdisciplinaridade, é visto que essa realidade teórica está longe de ser possível em sua estrutura real. Poker e Mello (2016) salientam que as formações de professores precisam potencializar a autonomia e a criatividade para a elaboração de estratégias metodológicas. Contudo esses professores têm que ser apresentados às diversas formas de aprendizagem que possam efetivar o seu ensino para uma perspectiva inclusiva.

d) Em relação a essa nova geração de educadores, você percebe uma diferença de aceitação diante das propostas envolvendo o uso de tecnologias?

***Educador formador:** o pessoal acha interessante. O pessoal acha necessário. Melhora a aula. Aí quando você pergunta “você usaria?” Daí já dão um passo pra trás “daí eu não sei. Não temos tempo pra planejar. Um horário de planejamento pequeno. Ter que preparar uma aula com essas tecnologias é desgastante. Pra pesquisar. Já levamos material pra casa. Isso demanda tempo que não temos.”[...] o que deveria ser feito era o que já temos nas escolas particulares, um núcleo de tecnologia nas escolas públicas. Um núcleo que prepare sua aula em powerpoint, com simulações, com animações, tem um sistema de ensino da própria escola que já cria ferramentas online de EAD, super convidativo, bonito. É um trabalho do núcleo que chega para o professor só para apresentar aos alunos. Precisa mudar o sistema educacional. Porque os documentos cobram o uso das tecnologias. Mas como faremos isso na educação pública? Não tem infraestrutura e nem técnicos e nem manutenção. Nas escolas particulares têm núcleos e nas escolas públicas têm umas pessoas para fiscalizar. Como o professor vai dar conta se ele não sabe? Onde está a formação adequada para eles? [...] é um conjunto. Porque isso é uma responsabilidade que o professor não vai aceitar. Ele já tem coisa demais para fazer. Agora quando tu entrega tudo pronto para o professor.... Ele usa. Mas é porque o pessoal quer colocar obrigação ao professor que não tem condições. É muita coisa. Daí querer que ele use as tecnologias sem formação, não tem condição. Tem que mudar uma cultura dessas tecnologias, para aceitar e usá-las. Agora na escola particular usa porque tem suporte e um núcleo que ampara o educador para ele usar. Não há uma aceitação do professor sendo feito dessa forma. Eles preferem ficar na educação tradicional deles. (Fala do entrevistado, 11 de jul. 2019)*

Os professores têm medo de navegar pelo imprevisível, situações que possam causar riscos a sua rotina em sala de aula. O trabalho do dia a dia já é exaustivo e várias obrigações por parte da Gestão e Secretaria de Educação que por muitas vezes acabam deixando o professor sobrecarregado e essa realidade acaba por se tornando um dos motivos, dessa insuficiência diante de algo novo ou desconhecido (MARTINS, p. 35, 2012).

Segundo as autoras, os educadores se sentem exaustos por não terem ajuda de nenhum dos lados e são deixados à margem para resolver todos os tipos de adversidades. Com isso, por conta desse cansaço, adotam uma postura autoritária. Paulo Freire (1987) em “A Pedagogia do

Oprimido” traz a concepção de autoritarismo como característica opressora que, constituída pela ausência de liberdade, o oprimido se torna opressor. Como, muitas vezes, os educadores se veem reféns de um sistema reprodutor, que não se preocupa com resultados, não compreendem o meio social daquela escola e seu público, e acabam se alinhando à uma figura ditatorial.

e) Qual o impacto que a ausência da utilização de tecnologias digitais na prática docente traz tanto para educadores, ou não, do AEE? E o que essa situação implica no processo de aprendizagem dos alunos com deficiências?

*Educador formador: não usar tecnologias na educação dos nossos alunos é privar eles de habilidades que serão essenciais para um desenvolvimento deles na sociedade atual e futuramente. Se você usa um celular para melhorar na aprendizagem dos seus alunos, e você também está ensinando ele a desenvolver aplicativos para celulares. Quando tu tá ensinando um aluno teu a utilizar um projetor, tu tá dando uma autonomia para ele de empregar aquilo ali não só na dentro da sala de aula, mas também para um seleção de emprego. A forma de como ele se apresenta com o powerpoint, de falar e lidar com o coletivo. De lidar com as emoções, socioemocional, não só do emprego das tecnologias, mas também habilidades socioemocionais. Com as tecnologias você dinamiza mais, traz proatividade, dinâmica, raciocínio lógico, rapidez, coletivo. E quando você não levar isso para as salas de aula, os alunos perdem. E quando não levamos, se criam pessoas desprovidas dessas habilidades e eles perdem no mercado de trabalho. (Fala do entrevistado, 11 de jul. 2019)*

Nessa perspectiva, pode-se ressaltar o que D’Ambrósio (2002) fala acerca de uma educação que vai além de uma mera transposição de ferramentas em prol de uso tecnológico. A prática metodologia de ensino de estar volta para uma inserção de tecnologias que possibilite aos educandos atividades autônomas um processo de aprendizagem que possibilitem autonomia, criticidade e reflexão e todo esse processo atrelado a uma perspectiva inclusiva abre um leque de recursos plausíveis a uma educação global que compete os conhecimentos, sociais e humanísticos.

A inclusão ocorre quando a igualdade é valorizada e realizada. Cada indivíduo irá usufruir dos seus direitos e acordo com as suas necessidades. As instituições devem construir valores de práticas e estratégias pedagógicas voltadas para um olhar mais humano. Depois da família a escola irá ser um importante agente na construção social do indivíduo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, na qual nos propusemos identificar os desafios do professor formador em mediar práticas para o exercício da educação inclusiva atrelada ao uso das TDIC

observamos que ainda há déficit estrutural que competem aos órgãos governamentais em relação a disponibilização de recursos e suportes que poderiam alavancar esse processo.

A pesquisa teve como objetivo compreender as dificuldades de formar educadores que aglutinem em sua prática um olhar tecnológico corroborando com uma prática inclusiva. Para isto, foram realizadas entrevistas, que por meio de análises, possibilitou a nossa percepção de toda essa prática. Destacamos a ausência de tempo para uma formação contínua, a defasagem dos recursos disponibilizados e a sala de aula ainda como um depósito de conteúdo onde a principal questão é trabalhar a leitura e a escrita dentro de conceitos tradicionais. Compreendemos também, a defasagem da polivalência que é incutida na profissão docente sem nenhum tipo de suporte e recurso mesmo que os preceitos do uso das tecnologias estejam contidos em documentos legais da área da educação como nas competências gerais da BNCC.

Contudo, para isso ser possível, é preciso que todas essas estratégias de práticas tecnológicas sejam voltadas para o meio social do educando. É preciso que o professor leve os seus conteúdos para o meio sociocultural do aluno para que se tenha maior sentido e significado. O professor, enquanto agente transformador, deve promover o pensar crítico relacionando com os valores e concepções do educando para que ele seja atuante no meio e de si próprio. Para que o educando seja capaz de pensar em uma solução concreta para quando se deparar com alguma situação-problema.

No mais, constatamos a importância do desenvolvimento de pesquisas nessa vertente corroborando para o desenvolvimento de práticas que permitam uma reflexão acerca de como elas podem aplicadas em pleno exercício. Antes de pensarmos sobre uma mudança de currículo nas formações iniciais e continuadas, é de fundamental importância que o sistema educacional possibilite meios, recursos e suportes visando as necessidades da sociedade atual como um fator de desenvolvimento, visto que há uma necessidade de mudança do que nos é dado hoje.

Por fim, entende-se que este estudo não deva estar finalizado, pois verificamos a importância de levantar outras questões possam ser abordadas e discutidas com novos olhares acerca do uso das TDIC na educação pública atreladas a uma educação inclusiva. Espera-se que outras questões possam ser abordadas e discutidas com novos olhares sobre esse tema, trazendo novas contribuições ao processo de ensino e de aprendizado de diferentes áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação (2017). **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 30 Jul. 2018.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática. Elo entre as tradições e a modernidade**. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 110p. (Tendências em Educação Matemática).

DEMO, Pedro. **Habilidades do Século XXI**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 34, n.2, maio/ago. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Edição. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Tendências Epistemológicas: do tecnicismo e outros “ismos” aos paradigmas científicos**. In: Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade. - 2.ed.- São Paulo. São Paulo: Cortez, 1997.

LEITÃO, Darlene Alves. CASTRO, Juscilde Braga de. **A Construção de Recursos Digitais de Matemática: uma experiência de autoria com o Scratch**. Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação 2018. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/8276> Acesso em: 30 jul. 2018

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva**. In: O professor e a educação Inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012.

MORÁN, J. **Mudando a Educação com metodologias ativas**. In: Convergências **Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II. Coleção Mídias Contemporâneas. SOUZA, Carlos Alberto e MORALES, Ofelia Elisa Torres (Orgs.). PG: Foca Foto PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2018.

MYNAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: Pesquisa Social: Teoria e método e criatividade. 31.ed. Petrólipes, RJ: Vozes, 2012.

PAPERT, Seymour. **Logo: Computadores e Educação**. 3ª ed. São Paulo: Editora brasiliense s.a. 1985.

POKER, R. B.; MELLO, A. dos R. L. **Inclusão e formação do professor**. Journal of Research in Special Educational Needs, August 2016, Vol.16, pp.619-624.

ROLKOUSKI, Emerson. **Tecnologias no ensino de Matemática**. Curitiba: Ibplex, 2011.